

1957

JORNAL DO BRASIL -- SEXTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE

ARTES VISUAIS

Os prêmios do Salão

MÁRIO PEDROSA

Afinal, um júri isento de paixões e *parti pris* deu, ontem, sua decisão: premiou com viagem ao estrangeiro o pintor Ivan Serpa e o gravador Darel.

A decisão do júri demorou mais do que habitualmente, porque os juizes estavam à espera que o Ministro da Educação acabasse de resolver os pedidos de recurso de vários artistas de valor, pretendentes ao grande prêmio, mas considerados sem direito ao mesmo, em virtude de terem vivido durante algum tempo na Europa ou na América. Alguns desses, como a pintora Maria Leontina, é artista de rara sensibilidade; outra pintora que tem talento é Djanira. O júri, ao fazer sua escolha, não excluiu ninguém, mas optou por Ivan Serpa.

A escolha foi acertada; Ivan é desses artistas indiscutíveis de cuja obra se pode discordar, que se pode deixar de apreciar, mas de cujo talento, de cuja seriedade ninguém duvida. Nem mesmo os seus adversários. O júri atual era composto de três homens de mérito, de comprovada honradez. Ninguém pode acusá-los de terem julgado, segundo seus

Ivan Serpa merecia, como ninguém, ter ganho o prêmio. Coroa com isso mais de dez anos de um trabalho penoso, quase beneditino, do jovem pintor. Uma vez já tive ocasião de escrever, em fase muito mais primária de sua carreira, que Ivan era dotado do dom perigoso de ganhar prêmios. Então, eu queria com isso pô-lo de guarda contra as próprias facilidades, contra o seu virtuosismo técnico, contra a sua terrível habilidade, contra — o que é ainda mais terrível — o seu infalível bom gosto. Eis que agora Ivan Serpa ganha o maior prêmio de sua vida com um quadro em que essas fáceis qualidades estão ausentes.

O quadro vitorioso é plenamente característico de sua nova fase: puro, seco, rigorosa realização de uma idéia visual. Dêle banuiu as cores, elemento por excelência sensorial, sensível, romântico. O que ali resta nesse sentido são algumas formas cinzas que, entretanto, têm por função, na armação do conjunto, pregar à superfície da tela o dinamismo das linhas e formas em constante movimento.

Ivan é um artista de extrema finura perceptiva, e algo de chinês ou japonês traz ele na alma, pois sua arte se caracteriza pela sutileza com que equilibra o assimétrico ou descentra ou dinamiza uma simetria bilateral. O quadro premiado é um primor no gênero. Daí, naquela aparentemente pobreza de seus componentes, uma extrema riqueza de pontos de vista, uma quase turbilhonante virtualidade espacial.

O dinamismo visual da tela é extraordinário. A ambivalência espacial que a caracteriza toma o observador de surpresa em surpresa, e o enleva por esse fascinante dom que tem de nos abrir incessantemente uma série descontinua de perspectivas e de vistas inesperadas. A arte "concreta" é cada vez mais uma arte de óptica visual e cada vez menos uma arte de matéria sensível. Seu maior enlevo está nesse enigmático e cativante convite permanente que nos faz para nos escaparmos por um mundo pluridimensional ou, pelo menos, de dimensões divergentes, que, não se fixando nem na segunda, nem na terceira dimensão, as torna simultâneas, as funde pela soma ou pela multiplicação, ou, por vezes, como que combinando-as, quimicamente. É evidente que o homem moderno está se sentindo preso, oprimido, na velha gaiola tridimensional em que até hoje viveu e se agitou.

O outro prêmio de viagem ao estrangeiro foi dado a Darel, um gravador que se fez na escola do mestre Goeldi, para quem a gravura é uma arte cujo segredo está na obediência do artista às virtualidades do material. A gravação que o artista tira da madeira ou da pedra não é uma invenção, a criação do artista, nem deve ser disfarçada: deve-se, ao contrário, perceber o material de onde se origina. A especificidade do gênero pode ser uma limitação, mas é uma limitação como a do acetato, que só através dela alcança a face do Senhor. Darel é um artista honesto, e sua apresentação no Salão reflete bem as qualidades artesanais que possui e já uma procura de estrutura, de forma, numa modulação de superfície, através de claros e sombras, de traços e linhas, que conserva a matéria sensível e sua intrínseca identificação com o material, a pedra. Que ele aproveite bem da oportunidade que lhe deu o júri de, sem preocupação material diversionista, poder, durante dois anos, dedicar-se, não tanto às técnicas e ao artesanato, mas ao convívio espiritual fecundo e indispensável com a arte eterna de todos os tempos.

gostos pessoais, suas inclinações próprias. Daí o maior mérito do julgamento: premiaram em Ivan o esforço perseverante, a seriedade na pesquisa, a qualidade artesanal e técnica, as suas possibilidades de desenvolvimento, o talento.

Todo mundo sabe que um Goeldi, nosso querido mestre "figurativo", não morre de amores pela pintura seca, puramente visual, que faz Ivan Serpa e os de sua tendência. Um Frank Schaeffer é um pintor nos antipodas da posição estética do ganhador do prêmio. E um Aníbal Machado, poeta e escritor que todo o Brasil admira, alia a uma visão puramente poética das coisas um acurado senso contrastante de humor que o faz abominar os secarrões, os artistas "cacetes", as lubrificações mentais lógicas ou cartesianas de muitas das realizações da arte moderna, sobretudo concretista. No entanto, deram o prêmio tão cobiçado de viagem ao estrangeiro ao mais consagrado dos concretistas cariocas. A decisão honra, assim, a compreensão dos valores e a objetividade dos membros do júri.



Ivan Serpa

NOTICIÁRIO

"A LEI DO SALÃO DEVE MUDAR" — DIZ IVAN SERPA, PRÊMIO DE VIAGEM DE 1957

Ivan Serpa, o jovem pintor brasileiro da corrente dita concreta, obteve, ontem, o maior prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna: o prêmio de viagem ao estrangeiro, que importa no direito de passar dois anos fora do país, com o custeio de 500 dólares mensais, dados pelo Ministério da Educação. Ontem mesmo, encontramos com Ivan Serpa, para colher suas impressões sobre a decisão do júri, sobre o Salão e o ambiente artístico nacional destes últimos (agitadíssimos) dias.

Reporter — Como recebeu a notícia do prêmio?

Ivan Serpa — Não esperava ganhá-lo. Acheva, como sempre, que não seria para mim. Já estava acostumado.

- Já decidiu para que país viajará?
- Ainda não. Tenho que pensar um pouco.
- Acha que o Salão melhorou este ano?
- Quanto à arrumação, melhorou. Quanto ao nível artístico, a mudança não foi grande.
- Pensa que a lei do Salão deve ser modificada?
- Imediatamente.
- Por que?
- É uma lei concebida por acadêmicos para um salão de artistas modernos.
- Quais as modificações imediatas que sugeriria para o Salão?
- Creio que o prêmio de viagem devia ser transformado em bolsa de estudo ou em prêmio em dinheiro. Os "hors-concours" também deviam ser abolidos: todos os anos, são os "hors-concours" o que há de pior no Salão.
- Está de acordo com o modo como o júri é constituído?
- Não. O júri deveria ter cinco membros em vez de três e esses cinco seriam parte eleita pelos artistas e parte convidados.
- O problema dos artistas que têm direito a concorrer ao prêmio de viagem é cada vez mais grave. Este ano, como se viu, houve complicações de toda ordem. Que acha disso?
- Todo mundo, indistintamente, deve concorrer ao prêmio de viagem. Não é a viagem que faz o artista.
- Na sua opinião, o nível da arte brasileira tem melhorado ou piorado?

— Melhorou bastante, desde a I Bienal de São Paulo. As Bienais libertaram o artista brasileiro dos tabus. Hoje um jovem tem mais oportunidade de ver e aprender o que é arte mesmo. Só os privilegiados, até bem pouco tempo, tinham esse direito. A prata-de-casa estava muito atrasada com relação ao movimento artístico de nossos dias, e a Bienal veio mostrar isso.

— Como vê a reclamação dos artistas cortados, parcial ou totalmente, pelo júri da Bienal?

— É possível que o júri tenha feito algumas injustiças. Mas a verdade é que todos os artistas que mandaram seus trabalhos para a Bienal aceitaram se submeter às decisões do júri que, como o regulamento da Bienal estipula, são irrecorríveis. Acho que o júri não deve voltar atrás. Qualquer modificação de seu julgamento seria a morte da Bienal de São Paulo.

OS PREMIADOS DESTE ANO

Foram distribuídos, ontem, pelo júri do VI Salão Nacional de Arte Moderna, os prêmios do certame. São os seguintes os artistas premiados: Ivan Serpa (pintor) — prêmio de viagem ao estrangeiro; Alcemir Martins (desenhista) e Sheila (pintora) — prêmios de viagem pelo Brasil; Frans Kracjberg — prêmio de aquisição (10 mil cruzeiros); Mercier Banbinski e Zezé — prêmios de aquisição (5 mil cruzeiros); prêmios de honra de júri: Franz Weissmann, Ana Leticia, Elisa Martins da Silveira, Maria Laura Radspieler, Vera Bocaluva Mindlin, Iolanda Mohaly e Caribé. O júri do VI Salão de Arte Moderna foi o seguinte: Oswaldo Goeldi, Aníbal Machado e Frank Schaeffer.

DEMISSONÁRIA A COMISSÃO DE BELAS-ARTES

Circulou às últimas horas da tarde de ontem que a Comissão Nacional de Belas-Artes, na totalidade de seus membros, estava demissionária. O motivo foi o deferimento, por parte do assistente jurídico do Ministro Clóvis Salgado, do requerimento de Maria Leontina para concorrer ao prêmio de viagem ao estrangeiro. A Comissão considerou ofensiva a prevalência sobre suas decisões, da opinião do assistente jurídico do Ministro.

Tem tanto copiar tanto mais separado

instituição

Conteúdo